

A TAXA CAMBIAL COMO UMA BARREIRA COMERCIAL NA INTERNACIONALIZAÇÃO DO VINHO BRASILEIRO

Renan Oliveira de Assis¹

Resumo

Desde os anos 90, a liberalização comercial do Brasil interferiu diretamente na estrutura de produção e conseqüentemente acelerou o crescimento dos produtos obtidos por recursos naturais e empregos intensivos. Pode-se considerar o mercado de bebidas como um setor potencial no Brasil, onde este encontra-se em 15º lugar entre os maiores produtores mundiais de vinho, ficando em terceiro lugar na América Latina com uma produção de 2,8 milhões de hectolitros, de acordo com dados de 2011 da Organização Internacional da Vinha e do Vinho. Com um grande fluxo de exportações, o setor agrícola é visto como o que mais se beneficiou desse crescimento, bem mais que o resto da economia brasileira, mas tal progresso resultou em preocupações pelos efeitos da taxa de câmbio e por estar se especializando em produtos que declinavam nas importações mundiais. Esses efeitos tenderiam a causar o comodismo com produtos não manufaturados gerando uma vulnerabilidade da economia como um todo. Objetiva-se nesse artigo, mostrar como a atual variação cambial afeta diretamente no custo para internacionalização desses vinhos, utilizando ferramentas técnicas da economia para desenvolvimento de índices que melhor demonstram tais fenômenos e suas conseqüências; salientando a importância da criação de mecanismos ou políticas públicas para minimização de tais barreiras para produção e implementação de tal setor no comércio internacional. A coleta será feita por meio de dados oficiais do governo e de organizações vinícolas brasileiras, além de plataformas como: ALICE WEB; a EMBRAPA - Uva e Vinho (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária); o TRADEMAP; o IBRAVIN (Instituto Brasileiro de Vitivinicultura); e a UVIBRA.

Palavras-Chave: Variação Cambial; Vinho; Barreiras Comerciais; Exportações Agrícolas

¹ Graduando em Relações Internacionais pela Faculdade ASCES, atualmente cursando o quinto período acadêmico. Pesquisador do Programa de Iniciação Científica – INICIA – desta instituição, com o projeto intitulado: A Variação Cambial e sua influência no custo de produção dos vinhos no Vale do São Francisco; e membro integrante do projeto de extensão e pesquisa Prospecta Nordeste, no Laboratório de Práticas em Relações Internacionais. Endereço eletrônico: re_nan_oliveiraassis@hotmail.com.

Abstract

Since the 90's, trade liberalization of Brazil interfered directly in the structure of production and consequently accelerated the growth of products that were obtained by natural resources and intensive jobs. Brazil can be considering as a potential sector in the beverage market, where it holds the 15th place among the largest producers of wine, being the third in Latin America with a production of 2.8 million hectoliters, according to the International Organization of Vine and Wine - 2011. With a large flow of exports, the agricultural sector is seen as the most benefited from this growth, more than the rest of the Brazilian economy, but such progress has resulted in concerns for the effects of exchange rate and specializing in products that declined in world imports. These effects would tend to cause the self-indulgence with products that were not manufactured by generating a vulnerability of the economy as a whole. The goal in this article, is to show how the current exchange rate directly affects the internationalization cost of wines, using economical technical tools for the development of indices that best demonstrate such phenomena and their consequences; also analyzing the importance of creating mechanisms or public politics to eliminate such barriers to production and implementation of this sector in international trade. The information gathering will be also made through wine companies data and Brazilian government official data, and platforms such as ALICE WEB; EMBRAPA - Grape and Wine (Brazilian Agricultural Research Company); the TRADEMAP; the IBRAVIN (Brazilian Institute of Viticulture and Winemaking); and the UVIBRA.

Keywords: Exchange Rate Variations; Wine; Trade Barriers; Agricultural Exports

INTRODUÇÃO

Com uma população de aproximadamente 200 milhões de habitantes (THE WORLD BANK, 2015), pode-se considerar o mercado de bebidas como um setor potencial no Brasil. Mas deve-se notar também que a distribuição desigual de renda gera uma falta de consumo por partes da sociedade com um menor poder aquisitivo, dificultando a expansão de bebidas de melhor qualidade e com um maior valor agregado, como exemplo, o vinho.

Sabe-se que o país é contemplado com um clima e solo diversificado, onde em sua extensa abrangência territorial possui potencialidade para plantio de diversos tipos de produtos agrícolas, inclusive frutas, sejam tropicais, subtropicais e temperadas, ao longo das quatro estações do ano. (DERETTI, *et al*, 2015)

Atualmente, o Brasil é um dos três maiores produtores de frutas do mundo, ficando atrás apenas de países como China e Índia. Sua produção é estimada em 43 milhões de toneladas, com uma representação mundial em torno de 6%. 47% da produção brasileira são destinadas ao mercado de frutas processadas, da qual a maior parte do volume é de suco de laranja concentrado e congelado, e 53% são dedicadas ao mercado de frutas frescas. (DERETTI *et. al*, 2015 apud IBRAF, 2013)

Conseqüentemente, nas duas últimas décadas, o Brasil tem apresentado um crescimento notável no consumo de vinhos nas duas últimas décadas, porém grande parte desse aumento de consumo tem como base vinhos importados de outros países. (BRAGAGNOLO, *et al* 2015)

E se tratando de questões de comércio exterior, é caracterizado a necessidade de abordar o câmbio como um dos fatores imprescindíveis e influenciáveis, ou não, nesse contexto. As políticas cambiais são instrumentos que muitas vezes servem para incentivar o crescimento econômico, em que taxas de câmbio quando desvalorizadas podem ser ferramentas de proteção à pequena e média indústria, além de estimular as exportações e atrair investimentos externos.

De maneira mais específica, optou-se por trabalhar intuitivamente com o setor de vinhos brasileiros, já que também faz parte do objeto de estudo do autor em outro trabalho de pesquisa². Sendo que este pretende abranger os vinhos por uma extensão nacional e com um viés técnico-econômico. Objetiva-se entender como a influência do câmbio altera a demanda pelo vinho no mercado internacional e ilustra a importância da criação ou desenvolvimento de políticas para mitigar os possíveis efeitos negativos de tal variação.

² Projeto intitulado: A Variação Cambial e sua influência no custo de produção dos vinhos no Vale do São Francisco; pelo Programa de Iniciação Científica, INICIA - ASCES

PANORAMA INTERNACIONAL DO COMÉRCIO DE VINHOS BRASILEIROS

De acordo com o ranking das maiores economias do mundo, o Brasil está na sétima posição, sendo superado pelos Estados Unidos da América, China, Japão, Alemanha, França e Reino Unido, respectivamente; entretanto a participação brasileira no comércio exterior ainda é baixa em relação a essas economias. De acordo com dados do Plano Nacional de Exportação 2015-2018 do Governo Federal, em 2013, a representatividade do comércio exterior na pauta econômica brasileira de bens e serviços é 27,6% do PIB (Produto Interno Bruto). Nas seis maiores economias do mundo, esse indicador da participação nacional no comércio exterior chega a ser, em média, 53,4% de seus respectivos PIBs.

Vale salientar que o PIB de um país é composto por: Consumo + Gastos do Governo + Investimentos + Exportações – Importações; e consegue-se aferir que atualmente no Brasil, os componentes deste não estão sendo maximizados ao nível potencial, uma vez que no período de recessão econômica os gastos do governo e o consumo são reduzidos, os investimentos são limitados, e as exportações deveriam ser expandidas para gerar um saldo positivo na balança comercial.

Em 2012, conforme dados da OIV (Organização Internacional de Vinha e do Vinho), 70,6% da produção mundial de vinhos encontra-se concentrada na Europa; 16,1% na América; 4,5% na Ásia; 5,1% na Oceania; e 3,7% na África. No meio internacional, os maiores produtores são: França, Itália, Espanha, Estados Unidos, Argentina e Austrália, respectivamente. O Brasil encontrava-se em 14º lugar entre os maiores produtores mundiais de vinho, ficando em terceiro lugar na América Latina com uma produção de 2,9 milhões de hectolitros (hl). E se tratando de consumo do vinho, o Brasil também estava na 14ª posição, com um consumo estimado de 3,3 milhões de hectolitros (hl), sendo superado pela França, Estado Unidos, Itália, Alemanha, China, Reino Unido, Rússia, Argentina, Espanha, Austrália, Portugal, Canadá e África do Sul, respectivamente.

Atualmente, de acordo com a plataforma Alice Web do MDIC (Ministério de Desenvolvimento da Indústria e do Comércio), o setor de vinhos apresentou uma arrecadação de US\$ 291.843.095 com tributos e serviços em 2015. Abaixo segue os maiores parceiros comerciais do Brasil em termos de venda e compra de vinhos, respectivamente.

TABELA 1 – Principais Parceiros Comerciais de Vinho no Brasil

Principais Países Importadores do Vinho Brasileiro	Principais vendedores de vinho para o Brasil
Estados Unidos	Argentina
Japão	Chile
Países Baixos (Holanda)	Espanha
Paraguai	França
Reino Unido	Itália
Rússia	Portugal

Fonte: Elaboração Própria com a base de dados do AliceWeb (MDIC)

METODOLOGIA

A coleta dos dados foi feita por meio de fontes primárias, ou seja, dos bancos de dados oficiais do governo e de organizações especializadas no setor de vinhos. Também foram utilizadas fontes secundárias obtidas por meio de sites confiáveis, publicações em revistas do setor em questão, e artigos em geral. Alguns dados estatísticos foram encontrados em estruturas institucionais que acompanham, organizam e divulgam tais dados, como exemplo o ALICE WEB; a EMBRAPA - Uva e Vinho (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária); o IBRAVIN (Instituto Brasileiro de Vitivinicultura); e a UVIBRA.

No portal do AliceWeb foram retirados os dados de importação e exportação brasileiros do capítulo SH³ 22 (Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres), mais especificamente da posição 22.04 que contempla de maneira intensa o objeto de estudo deste artigo, como segue discriminado na tabela abaixo.

TABELA 2 - NOMENCLATURAS E ESPECIFICAÇÕES DO ALICEWEB

22.04	Vinhos de uvas frescas, incluindo os vinhos enriquecidos com álcool; mostos de uvas, excluindo os da posição 20.09.
2204.10	- Vinhos espumantes e vinhos espumosos
2204.10.10	Tipo champanha (<i>champagne</i>)
2204.10.90	Outros
2204.2	- Outros vinhos; mostos de uvas cuja fermentação tenha sido impedida ou interrompida por adição de álcool:
2204.21.00	-- Em recipientes de capacidade não superior a 2 l
2204.29	-- Outros
2204.29.1	Vinhos
2204.29.11	Em recipientes de capacidade não superior a 5 l
2204.29.19	Outros
2204.29.20	Mostos
2204.30.00	- Outros mostos de uvas

Fonte: Nomenclaturas e Especificações do AliceWeb (NCM-TEC 2012)⁴

Outra fonte de extrema importância para coleta de informações foi a IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), ao coletar a taxa de câmbio nominal, que é disponibilizada pelo Banco Central do Brasil. A coleta foi realizada a partir do ano de 1997, quando o Brasil passou a unificar os dados de acordo com a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM);

³ O Sistema Harmonizado, que sinteticamente, é um sistema comum derivado da OMC, onde os países membros se utilizam para facilitar a classificação dos produtos durante a negociação, e na descrição dos documentos correspondentes.

⁴ Informações retiradas do documento de Nomenclaturas e Especificações do AliceWeb, disponível no próprio portal.

passando agora a enquadrar os produtos e bens em um conjunto de 8 dígitos para facilidade da identificação nas transações realizadas entre os países membros do Mercosul.

Após a coleta de dados nessas bases supracitadas acima, fez-se necessário uma organização sistemática dos dados, com a finalidade de melhor visualizar as informações apresentadas e conseqüentemente dar seguimento ao manuseio destes.

Neste trabalho foi desenvolvido uma análise dedutiva, utilizando como base métodos estatísticos, mais especificamente com o conceito de Elasticidade, que pode ser amplamente utilizado na micro e macroeconomia, como fundamentação de probabilidades no acontecimento de certos fenômenos. No objeto de estudo dessa pesquisa, o conceito de elasticidade foi calculado com foco na exportação do vinho brasileiro em relação à taxa de câmbio, ou seja, a variação percentual das exportações dada a variação percentual da taxa de câmbio, quando todas as condições se manterem inalteradas/constantes.

De acordo com o Vasconcellos (2002), em seu livro Economia Micro e Macro, a elasticidade seria uma resposta ou reação de um fator visto a influência de outra variável no mesmo contexto, em outras palavras:

Elasticidade, em sentido genérico, é a alteração percentual em uma variável, dada uma variação percentual em outra, *coeteris paribus*. Assim, elasticidade é sinônimo de sensibilidade, resposta, reação de uma variável, em face de mudanças em outras variáveis. (VASCONCELLOS, 2002, p. 63)

Visto isso, a fórmula da elasticidade foi adaptada em detrimento a circunstância das relações comerciais entre o Brasil e os parceiros externos, abaixo é exemplificado a fórmula original.

$$E = \frac{\text{Variação percentual } q^d}{\text{Variação percentual } p} = \frac{\frac{q_1 - q_0}{q_0}}{\frac{p_1 - p_0}{p_0}} = \frac{\frac{\Delta q^d}{q^d}}{\frac{\Delta p}{p}}$$

sendo

$$E = \frac{p}{q^d} \cdot \frac{\Delta q^d}{\Delta p}$$

Onde:

q_0 = quantidade inicial demandada

q_1 = quantidade final demandada

Δp = variação da quantidade demandada

p_0 = preço inicial

p_1 = preço final

Δp = variação do preço

Deste modo, para atualizar a fórmula de acordo com o objetivo dos cálculos, fez-se necessário alterar o “p” para o termo \hat{C}_{tax} , que simboliza a taxa de câmbio. Com tais alterações, a equação se torna:

$$E = \frac{\text{Variação percentual } q^d}{\text{Variação percentual } \hat{C}_{tax}} = \frac{\frac{q_1 - q_0}{q_0}}{\frac{\hat{C}_{tax_1} - \hat{C}_{tax_0}}{\hat{C}_{tax_0}}} = \frac{\frac{\Delta q^d}{q^d}}{\frac{\Delta \hat{C}_{tax}}{\hat{C}_{tax}}}$$

sendo

$$E = \frac{\hat{C}_{tax}}{q^c} \cdot \frac{\Delta q^c}{\Delta \hat{C}_{tax}}$$

Onde:

\hat{C}_{tax_0} = Taxa inicial de câmbio nominal

\hat{C}_{tax_1} = Taxa final de câmbio nominal

$\Delta \hat{C}_{tax}$ = Variação da taxa cambial

q_0 = quantidade inicial comercializada

q_1 = quantidade final comercializada

Δq^c = Variação da quantidade comercializada

Como ‘ $\frac{\Delta q^c}{\Delta \hat{C}_{tax}}$ ’ é negativa (pela lei geral da demanda), e \hat{C}_{tax} e ‘q’ são valores positivos, segue que a elasticidade-preço da demanda é sempre negativa. Por essa razão, seu valor é usualmente expresso em módulo. **(VASCONCELLOS, 2002, p. 64)**

Após a obtenção dos resultados, pode-se classificar tais dados em 3 tipos de categorias da elasticidade de demanda: a demanda elástica, demanda inelástica, e a demanda de elasticidade unitária.

Nos casos que o $|E| > 1$, significa afirmar que uma variação percentual do câmbio irá variar a quantidade demandada (normalmente no sentido contrário), simbolizando que a quantidade de bens comercializados é bastante sensível a variação cambial. Nas situações de $|E| < 1$, entende-se que a variação da taxa de cambio não influencia de maneira significativa na quantidade comercializada. E nos casos, extraordinários, que $|E| = 1$, acusa que a quantidade de bens e produtos comercializados será propenso ao valor do cambio, ou seja, se o câmbio aumentar 5%, as relações comerciais efetivas serão reduzidas em 5%.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

As relações comerciais brasileiras são bem assimétricas ao se tratar do volume das exportações e das importações, visto que a própria cadeia produtiva do país é muito dependente de economias externas. O Brasil possui vantagens na produção de commodities, e desta maneira consegue produzir e vender tais produtos no mercado internacional, porém quando se trata de bens manufaturados, a capacidade do país não consegue atingir o mesmo dinamismo, fazendo-se necessária a importação de diversos segmentos produtivos e de consumo, incluso a deste objeto de estudo, o vinho, principalmente os finos.

Após uma análise estatística dos dados obtidos com a aplicação do conceito de elasticidade, pode-se entender, ou melhor, esclarecer alguns fenômenos em relação à economia brasileira, mais expressamente do panorama dos vinhos.



Fonte: Gráfico de Elaboração Própria baseado nos dados do AliceWeb

O gráfico acima demonstra o quantitativo das relações comerciais entre o Brasil e o mundo, em específico no setor 22.04 (Vinhos de uvas frescas, incluindo os vinhos enriquecidos com álcool; mostos de uvas, excluindo os da posição 20.09). Percebe-se que os níveis de importação desse setor são relativamente maiores que os da exportação do mesmo produto. Pontualmente, no ano de 1999, visualiza-se uma drástica queda nas importações do setor, e para tal entendimento pode-se considerar que neste mesmo ano a moeda brasileira

tinha se desvalorizado, gerando a chamada “crise cambial de 1998/99”⁵ com o agravamento da instabilidade macroeconômica, impactando diretamente da cadeia produtiva do país e na sociedade como um todo. E entre um dos possíveis fatores que fizeram os níveis de exportação estarem em baixa escala, pode ser entendido como um efeito da abertura comercial dos anos 90 de forma precipitada, sem grandes pretensões para com o mercado interno, e abertura financeira tornando o Estado frágil em vista das oscilações internacionais.

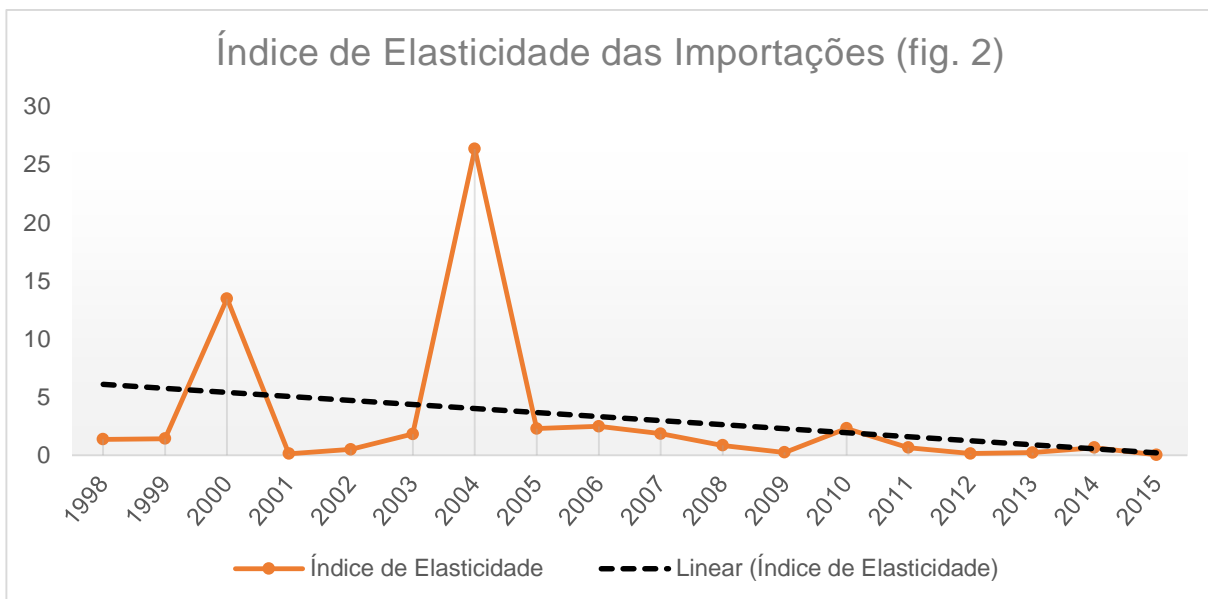
Para uma análise mais clara das informações, optou-se por analisar as relações de exportação e importação separadamente já que ambas têm resultados distintos. Abaixo, segue uma tabela simplificada com as informações relativas a importação brasileira de vinhos e seu grau de elasticidade.

TABELA 3 - Resultados dos Cálculos de Elasticidade da Importação de Vinhos

Período	Quantidade Importada	Média Anual da Taxa Cambial Nominal	Índice de Elasticidade
2015	81.927.985	3,331	0,04
2014	80.738.443	2,353	0,66
2013	76.166.103	2,157	0,23
2012	77.984.294	1,956	0,15
2011	76.117.507	1,675	0,65
2010	73.767.034	1,761	2,32
2009	57.848.119	1,998	0,25
2008	56.593.564	1,834	0,85
2007	59.566.633	1,948	1,85
2006	49.883.811	2,177	2,48
2005	39.501.191	2,434	2,30
2004	64.408.650	2,927	26,32
2003	28.043.534	3,078	1,82
2002	25.545.160	2,922	0,51
2001	29.173.250	2,350	0,14
2000	30.352.046	1,831	13,46
1999	27.011.878	1,814	1,43
1998	138.512.738	1,160	1,37
1997	154.773.725	1,078	
Média do Índice de Elasticidade		0,988	

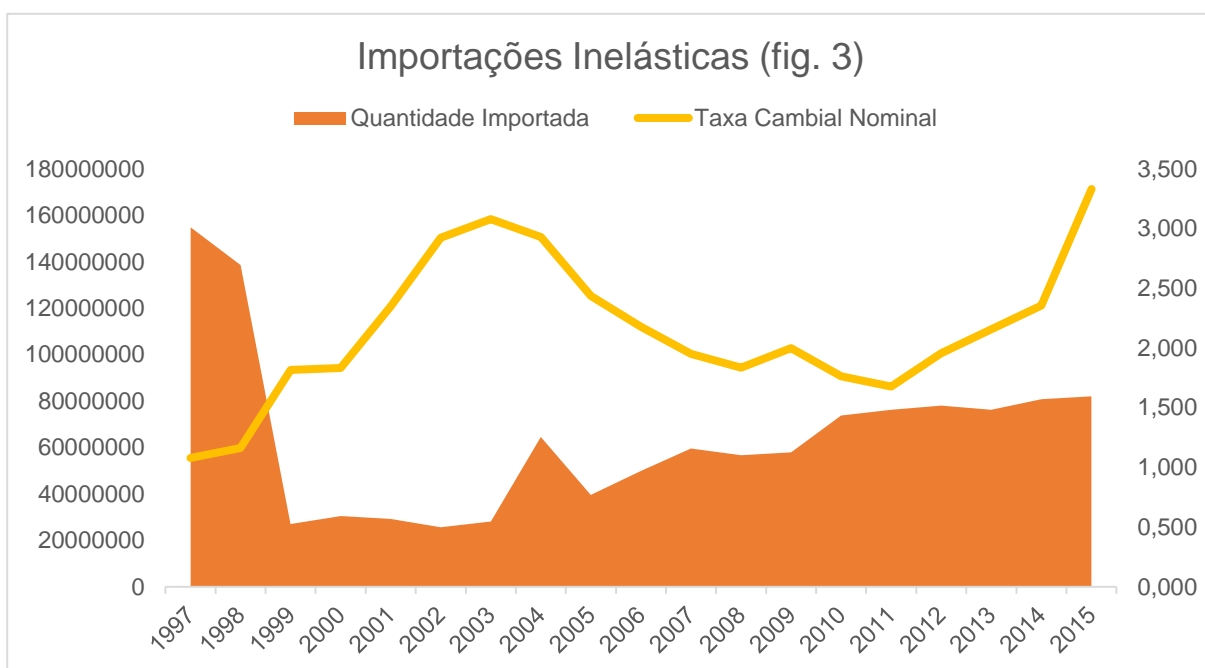
Fonte: Elaboração Própria com os resultados do cálculo de Elasticidade da Importação de Vinhos

⁵ Para mais informações sobre a Crise Brasileira Cambial de 1998/99, acessar: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/t d/Td-77.pdf>



Fonte: Gráfico de Elaboração Própria com os índices de elasticidade das importações de vinho e a tendência linear

Nesta análise o $|E| < 1$ nota-se como predominante nos resultados e na própria média aritmética dos valores, onde $0,988 < 1$; e de acordo com isto, as importações brasileiras podem ser caracterizadas como inelásticas. Inelásticas pelo fato de que a variação cambial no decorrer do período não foi grande influenciadora da demanda pelos vinhos. Ainda para uma melhor visualização desta afirmação, abaixo, exemplifica-se um gráfico que tange nas conexões entre o câmbio e a quantidade demandada.



Fonte: Gráfico de Elaboração Própria com os resultados do cálculo de Elasticidade da Importação de Vinhos

Como é ilustrado na fig. 2, a taxa de câmbio e a quantidade importada, ambas, interferem uma na outra, mas de maneira sutil. Vale salientar que na estatística, em grande parte dos casos, existem padrões que apresentam desvios, onde estes não convergem entre si e alguns não tem explicação aparente para tal fenômeno, como acontece nos anos de 2000 e de 2014.

Como foi relatado anteriormente, fez-se necessário a separação das análises (importação e exportação) para um entendimento mais amplo sobre o tema, e nesse ponto em diante, será introduzido os dados obtidos através da metodologia dos cálculos das exportações de vinho brasileiros.

Também deve-se notar que neste momento, faz-se necessário análise mais aprofundada para com os dados da venda do vinho, já que estes apresentaram maiores disparidades entre os resultados. Por questões de simples lógica, normalmente quando se aumenta o preço de um produto a demanda por este tende a ser reduzida em detrimento a maior disponibilidade de recursos para a aquisição destes. Dito isto, já era de se esperar que quando a moeda brasileira estivesse mais valorizada seria mais difícil vender no mercado externo e da mesma forma o inverso, onde a moeda desvalorizada tente a aumentar as vendas, se todas as condições estiverem normais, e de outros fatores como a forma de produção e as propriedades organolépticas⁶ desse bem forem de qualidade.

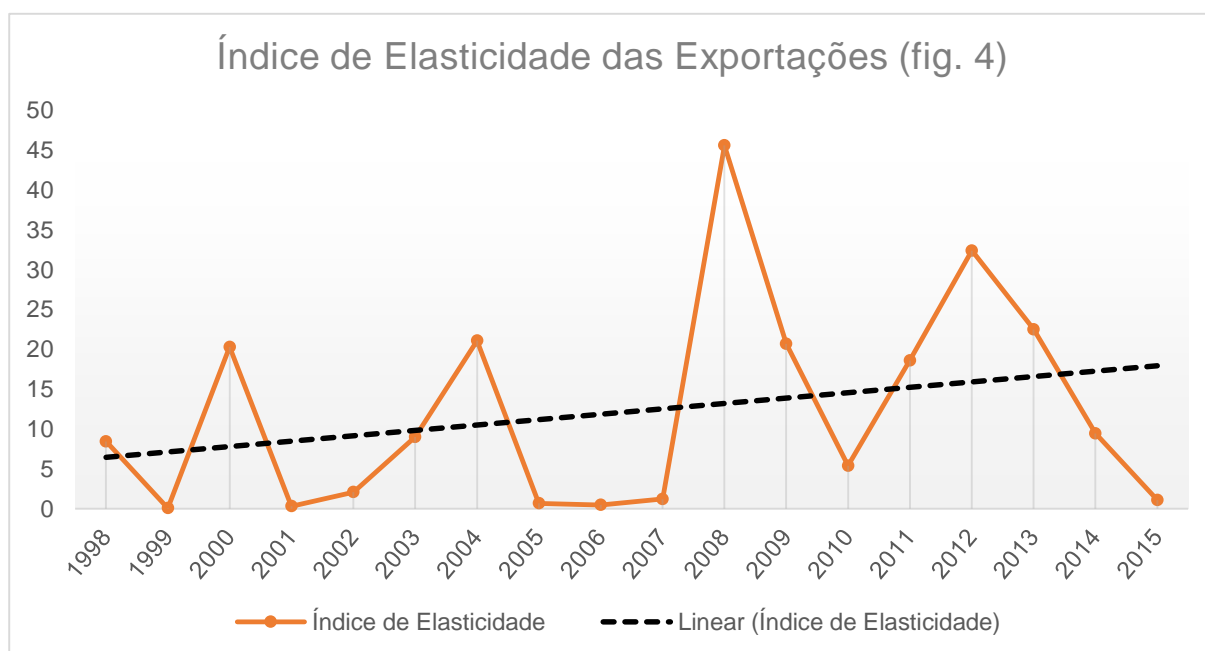
TABELA 4 - Resultados dos Cálculos de Elasticidade da Exportação de Vinhos

Período	Quantidade Exportada	Média Anual da Taxa Cambial Nominal	Índice de Elasticidade
2015	1.557.671	3,331	1,09
2014	2.837.372	2,353	9,43
2013	20.263.396	2,157	22,49
2012	6.123.621	1,956	32,36
2011	953.055	1,675	18,60
2010	10.199.521	1,761	5,37
2009	28.151.977	1,998	20,67
2008	9.876.430	1,834	45,56
2007	2.691.325	1,948	1,19
2006	3.075.448	2,177	0,45
2005	3.229.921	2,434	0,66

⁶ De acordo com o DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (PORTO EDITORA, 2014), o termo “organolépticas” refere-se a propriedades físicas discerníveis pelos nossos sentidos.

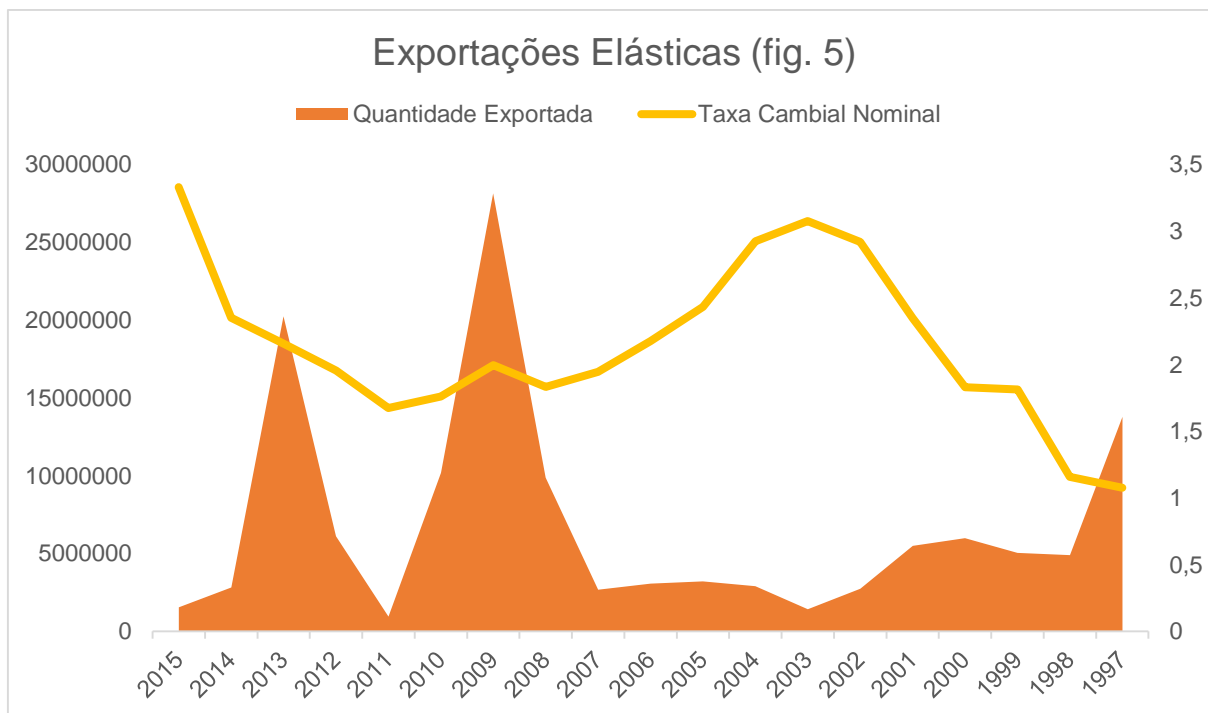
2004	2.905.360	2,927	21,06
2003	1.425.748	3,078	8,99
2002	2.752.412	2,922	2,06
2001	5.508.628	2,350	0,28
2000	5.989.523	1,831	20,27
1999	5.049.184	1,814	0,05
1998	4.904.048	1,160	8,42
1997	13.800.104	1,078	
Média do Índice de Elasticidade		1,328	

Fonte: Elaboração Própria com os resultados do cálculo de Elasticidade da Exportação de Vinhos



Fonte: Gráfico de Elaboração Própria com os índices de elasticidade das exportações de vinho e a tendência linear

De maneira inicial, a partir destes dados percebe-se que $|E| > 1$, e a média de todos os resultados também simboliza que a exportação brasileira de vinhos é elástica, deste modo toda e qualquer alteração na taxa de cambio vai interferir na procura por este produto no meio internacional. Porém, também vale notar que em alguns momentos a demanda pelo vinho tornou-se momentaneamente mais inelástica, seja isto por questões de um meio produção mais competitivo durante a época, ou outros fatores imensuráveis. Também se percebe pela reta linear de tendência que tal elasticidade tende a crescer sempre que as variações forem aumentadas, gerando disparidades entre elas.



Fonte: Gráfico de Elaboração Própria com os resultados do cálculo de Elasticidade da Exportação de Vinhos

Já foi provado que existe uma barreira às exportações quando se remete à taxa de câmbio, porque se por diversas razões a moeda do Brasil se desvalorizar, alguns produtores e empresas vinícolas não poderão vender tão facilmente seus produtos. Nesse sentido faz-se necessário o estudo de possíveis estratégias para ultrapassar tal barreira comercial e dar seguimento ao desenvolvimento e lucratividade.

Entretanto, percebe-se que ainda existe a necessidade de extrair mais dos dados em questão, pois alguns questionamentos são persistentes quanto ao tema. Por exemplo, como mensurar essa barreira comercial de maneira mais concreta? Seria possível prever o impacto de tal variação?

Com os dados desta pesquisa, é palpável a tentativa de delinear as possibilidades de resolução destas questões, onde sabe-se até o momento que a elasticidade pode evidenciar a volatilidade das relações com o câmbio, sendo assim, tabela 4, abaixo acusa outras informações ainda extraídas desde conceito de elasticidade⁷.

⁷ O conceito de elasticidade, foi expresso na metodologia utilizada, e aparentemente é uma ferramenta simples de entender, mas através desta pode ser feita diversas análises de acordo com os dados encontrados.

TABELA 5 – RELAÇÃO CÂMBIO-DEMANDA E PORCENTAGEM

Período	Taxa Cambial Nominal	Diferença do Câmbio (em relação ao ano anterior)	Variação do Câmbio (%)	Porcentagem da Elasticidade
2015	3,331	0,9775	41,54%	45,10%
2014	2,353	0,1967	9,12%	86,00%
2013	2,157	0,2008	10,27%	230,91%
2012	1,956	0,2808	16,77%	542,53%
2011	1,675	-0,0858	-4,87%	90,66%
2010	1,761	-0,2375	-11,88%	63,77%
2009	1,998	0,1642	8,95%	185,04%
2008	1,834	-0,1142	-5,86%	266,97%
2007	1,948	-0,2283	-10,49%	12,49%
2006	2,177	-0,2575	-10,58%	4,78%
2005	2,434	-0,4925	-16,83%	11,17%
2004	2,927	-0,1517	-4,93%	103,78%
2003	3,078	0,1567	5,36%	48,20%
2002	2,922	0,5717	24,33%	50,03%
2001	2,350	0,5192	28,36%	8,03%
2000	1,831	0,0167	0,92%	18,62%
1999	1,814	0,6542	56,39%	2,96%
1998	1,160	0,0825	7,66%	64,46%
1997	1,078			

Fonte: Elaboração Própria com base nos cálculos da elasticidade Câmbio-Demanda

A partir desses últimos dados, afirma-se que para cada 1 ponto percentual na variação da taxa cambial, esta será multiplicada pela variável que quantifica a elasticidade, ou seja, como é visto acima no início do ano de 2015 houve um acréscimo de \$0,97 no valor câmbio (aumento de 41,54%) e se todas as condições estiverem constantes, haverá uma variação de 45,10% na quantidade de compradores que demandam o vinho brasileiro. E a partir de tais métodos estatísticos, pode-se “prever” as possíveis alterações de demanda e fomentar políticas para a adaptação ao novo contexto.

Os dados apresentados podem ser interpretados em diversas instâncias e são muito úteis para um planejamento prévio, mas deve estar claro que esta ferramenta não contempla todas as possibilidades que podem ocorrer, sendo necessária a atenção para outros tipos de barreiras além da taxa de câmbio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a elucidação do tema e a demonstração da sua importância no meio econômico, faz-se necessário o esclarecimento de que tal pesquisa servirá como fomentador de novas possibilidades de estudo, tanto no setor de vinhos como em outros setores, já que, como foi supracitado anteriormente, a elasticidade câmbio-demanda é apenas uma ferramenta para entendimento de um fenômeno econômico e a possível previsão de futuras alterações de demanda, mas que desconsidera outras variáveis que possam explicar de maneira mais realista alguns efeitos dentro do comércio exterior.

Entre os diversos fatores que podem destoar os resultados apresentados anteriormente da realidade econômica, são elementos muitas vezes imensuráveis e de cunho qualitativo, impossibilitando ou reduzindo a possibilidade de contabilidade. Entre esses, pode-se citar a cultura como um fator variante nas questões comerciais; acontecimentos políticos e de segurança, onde algum tipo de evento pode causar uma priorização das ações de uma economia para o fato, negligenciando outros aspectos do comércio internacional, como exemplo disso, as Grandes Guerras Mundiais, ou mais recente, o atentado terrorista às Torres Gêmeas nos Estados Unidos foram eventos que movimentaram suas economias para os feitos de tais acontecimentos

Considerando a relação entre a taxa de câmbio e a demanda internacional pelo vinho brasileiro, conclui-se que existe uma conexão entre a cadeia produtiva de vinhos e a efetiva comercialização deste, onde, de tal modo a elasticidade da exportação do vinho se auto explica pela necessidade da articulação do Estado como regulador e incentivador do processo produtivo, tanto para o comércio interno quanto externo. Desde o surgimento da produção e comercialização de vinho no Brasil, o país não conseguia se equiparar com a qualidade dos Europeus, proporcionando uma simples derivação da vinha. Atualmente, o país desenvolveu inúmeras tecnologias para o aprimoramento da produção e da qualidade do vinho, mas ainda, a cultura do paladar brasileiro encontra-se focado na bebida Europeia, e a demanda por esta tende a aumentar.

Entende-se que a demanda elástica do vinho produzido internamente, pode ter relações com a concorrência de inúmeros produtores e entre eles, os vizinhos Chile e Argentina. Que como se sabe, possui uma maior especialização de tais produções além de possuir um alto nível de qualidade.

Torna-se necessário a criação de mecanismos ou políticas públicas para minimização de fatores limítrofes a produção e implementação de tal setor no comércio internacional, em que a inovação tecnológica e o investimento em pesquisa podem proporcionar possibilidade para o Brasil possa aumentar os fluxos de produção e se destacar de maneira mais expressiva no meio internacional como produtor de vinhos.

Por fim, também é imprescindível a continuação dos estudos para um setor tão prospectivo, como o vinho, em que se permita levar em conta a existência de outras variáveis não utilizadas nesses cálculos, como a renda externa e outras barreiras comerciais. Acatando a existência de que o impacto cambial pode ter diferentes reações em diferentes segmentos da economia.

REFERÊNCIAS

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO, **Agenda Estratégica 2010-2015 Vinicultura, Vinhos e Derivados**. Brasília - DF, 2011.

MINISTÉRIO DE DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. **ALICEWEB, Banco de dados**. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. MDIC. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/> Acesso em abr. 2016

Banco Nacional do Desenvolvimento, BNDS. AVERBUG, André; GIAMBIAGI, Fabio. **A Crise Brasileira de 1998/1999 - Origens e Consequências**. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/Td-77.pdf>; Acesso em abr. de 2016.

EMBRAPA, Semiárido. **A Vitivinicultura no Semiárido Brasileiro**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 756 p., 2009.

IPEA, INSTITUTUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Histórico das Taxas de Câmbio Nominais**. Disponível em: <<http://ipeadata.gov.br/ExibeSerie.aspx?serid=38389>>; Acesso em abr. de 2016.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DA VINHA E DO VINHO (OIV). **Statistics of the world vitiviniculture sector**. Disponível em: <<http://www.oiv.int>>. Acesso em: 15 set. 2015.

THE WORLD BANK. **Brazilian Population Indicators**. Disponível em: <<http://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>>. Acessado em abr. de 2016.

ALMEIDA, A. N. A; BRAGAGNOLO C; CHAGAS, A. L. S. **A Demanda por Vinho no Brasil: ARAÚJO, E. C; Nível do Câmbio e Crescimento Econômico: Teorias e Evidências para Países em Desenvolvimento e Emergentes**. Revista Econômica Contemporânea, Vol. 14, n. 3: 469-498. Rio de Janeiro: set/dez 2010.

DERETTI, A. R; DEMARCH, A. B. M; GESSER, K. A caracterização do Comércio Exterior brasileiro de Frutas e a Exportação de suco de laranja. CECIESA: Caderno Científico. **Elasticidades no consumo das famílias e determinantes da importação**. RESR, Piracicaba-SP, Vol. 53, Nº 03, p. 433-454, Jul/Set 2015.

KRISNAMURTH. **Formação da Economia do Brasil**. Material Online para Consulta. Disponível em:<<http://sindcomteresina.com.br/gerencia/material/FORMACAO%20DA%20ECONOMIA%20DO%20BRASIL.pdf>>; Acesso em abr. de 2016.

NAKABASHI, L; CRUZ, M. J. V; SCATOLIN, F.D. **Efeitos do Câmbio e Juros sobre as Exportações da Indústria Brasileira.** Revista Econômica Contemporânea, Vol. 12, n. 3: 433-461. Rio de Janeiro: set/dez 2008.

SANTOS, C. H. M; CIEPLINSKI, A. G; PIMENTEL, D; BHERING, G. **Por que a Elasticidade - Câmbio das Importações é baixa no Brasil? Evidências a partir das desagregações das Importações por categorias de uso.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Rio de Janeiro: mar 2015.

SARQUIS, J. B. S. **Comércio Internacional e Crescimento Econômico no Brasil.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

SATO, Geni Satiko. **Vinhos Brasileiros: é possível a internacionalização?** Revista Eletrônica de Negócios Internacionais da ESPM, São Paulo, v.1, p. 243-259, 2006.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **A Economia Micro e Macro.** 3 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.